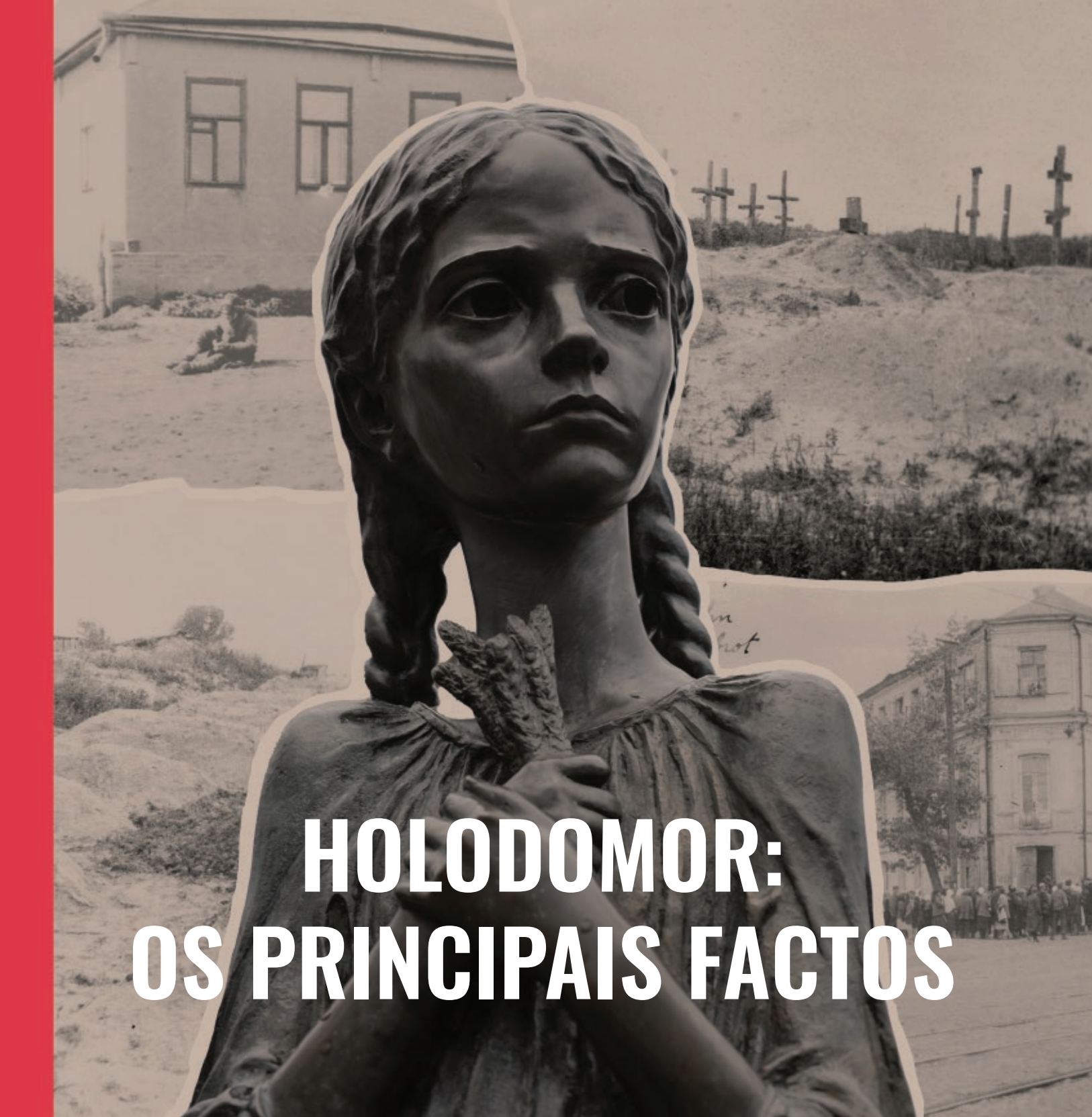




HOLODOMOR: OS PRINCIPAIS FACTOS

O QUE É O HOLODOMOR?

Holodomor é o genocídio do povo ucraniano pela fome, provocada em 1932–1933 na Ucrânia e nas regiões do Norte do Cáucaso, onde predominava a população ucraniana, organizado pelo regime comunista de Moscovo com o objectivo de exterminar em massa os ucranianos, destruir a consciência nacional e eliminar os fundamentos da existência de uma nação ucraniana independente.

O objectivo final do Holodomor, enquanto política deliberada do Kremlin, era consolidar definitivamente a Ucrânia como parte integrante da URSS e russificar os ucranianos sob o pretexto da formação de «um povo soviético único». As autoridades de Moscovo estavam cientes de que a preservação de uma identidade e consciência dos ucranianos se fortaleceram durante a «ucranização» dos anos 1920 e que isso abria potencialmente possibilidades de restabelecimento da independência

ucraniana e de saída da Ucrânia da União Soviética. O Holodomor teve precisamente como objectivo eliminar a menor possibilidade desse cenário.

Literalmente, o termo Holodomor significa morte intencional por fome. Entre as décadas de 1960 e 1980, esta palavra começou a ser difundida nos meios de comunicação da diáspora ucraniana. Foi estabelecida de forma ampla no início dos anos 1990, após a proclamação da independência da Ucrânia. O significado jurídico do termo foi consagrado na Lei da Ucrânia Sobre o Holodomor de 1932–1933 na Ucrânia, de 28 de Novembro de 2006.

A OCUPAÇÃO SOVIÉTICA DA UCRÂNIA

Em Outubro de 1917, o poder na Rússia foi tomado pelos bolcheviques — radicais de esquerda liderados por Vladimir Lenin, que defendiam a ideologia comunista. Eles tinham como objectivo abolir a propriedade privada, eliminar as camadas sociais prósperas, estabelecer uma ditadura na antiga Rússia imperial e, posteriormente, apoiando-se nos recursos dos territórios ocupados, tomar o poder em todo o mundo. Foi precisamente através das terras ucranianas que o Kremlin pretendia expandir sua influência para os países da Europa Central e de Leste.

Já em Dezembro de 1917, o regime comunista iniciou uma guerra de conquista contra a República Popular da Ucrânia, criada pelos ucranianos após a queda do czarismo. Para mascarar as suas acções agressivas, os bolcheviques russos criaram o Partido Comunista (bolchevique) da Ucrânia e, em seu nome, proclamaram a República Socialista Soviética Ucraniana. Este estado era fictício e os seus dirigentes formais nomeados por Moscovo. As forças armadas ucranianas e guerrilhas resistiram aos ocupantes até Novembro de 1921. As forças eram desiguais e os comunistas russos conseguiram ocupar grande parte da Ucrânia. Em Dezembro de 1922, a República Socialista Soviética Ucraniana foi incorporada na União Soviética.

Na luta contra a República Popular da Ucrânia, os bolcheviques russos usaram amplamente a violência contra a população civil. Entre 1917 e 1921, dezenas de milhares de pessoas foram vítimas da agressão comunista.



↗ Tropas da Guarda Vermelha em Kyiv. Fevereiro de 1918. *(Kruzyk R. Guerra Popular, 1917–1932: Guia para a exposição).*



← Membros do Governo Provisório Operário e Camponês da Ucrânia, Khárkiv, 1919.



← Companhia de trabalhadores mobilizados para a recolha de alimentos nas aldeias ucranianas. 24 de Setembro de 1920.

Arquivo Audiovisual e Electrónico do Estado Central.

A FOME DE 1921–1923

No Verão de 1921, o Sul e o Leste da Ucrânia foram atingidos pela seca, ficando 26% das áreas de cultivo perdidas. O trigo colhido na Ucrânia poderia ter sido distribuído às pessoas das províncias do Sul, evitando a fome, mas Moscovo agiu de forma diferente. Para garantir cereais para Moscovo, Petropávlovsk e outras cidades russas, os bolcheviques começaram a exportar as colheitas ucranianas. As actividades das unidades de ajuda alimentar de emergência, o uso de regime de reféns, bloqueios em redor de aldeias, unidades militares, medidas repressivas dos tribunais revolucionários, repressão do movimento de libertação nacional são

provas evidentes da política colonizadora consciente de Moscovo em relação às terras ucranianas.

Apenas no início de 1922 é que os bolcheviques russos reconheceram a existência de fome nas províncias de Zaporíia e Donetsk, bem como em alguns distritos das províncias de Mykolaiv, Dnipro e Odesa e Poltava. Entretanto, se em Janeiro–Fevereiro de 1922, 12% da população das províncias de más colheitas já conhecia a fome, em Maio esse número subia para 40%. Em Julho de 1922, na 2.ª Conferência Internacional de Organizações e Comitês de Ajuda aos Famintos na

**ENTRETANTO, SE EM JANEIRO–
FEVEREIRO DE 1922, 12%
DA POPULAÇÃO DAS PROVÍNCIAS
DE MÁ S COLHEITAS JÁ CONHECIA
A FOME, EM MAIO ESSE NÚMERO SUBIA
PARA 40%**



Carroça com os cadáveres de pessoas mortas à fome a caminho do local de sepultamento, cidade de Kherson. 1921–1922.

Foto de Gavriil Rappaport.

Museu Regional de História de Kherson.



📌 Crianças sem-abrigo. Níkol, Província de Katerynoslav. 1921–1922.

Arquivo Audiovisual e Electrónico do Estado Central.



📌 Família camponesa faminta, comuna de Mykolaiv, província de Mykolaiv. 1921.

Arquivo Audiovisual e Electrónico do Estado Central.

Rússia, a delegação ucraniana informou que quase 10 milhões de habitantes da Ucrânia necessitavam de ajuda urgente. Mais de 40% dos famintos eram crianças. Contudo, o volume total de ajuda estatal à Ucrânia na época não ultrapassava 7,5% das necessidades.

A fome na Ucrânia foi silenciada pelos bolcheviques, que, em vez reconhecerem a realidade, enfatizaram a necessidade de ajudar a população da zona do rio Volga na Rússia. Para isso, já em 20 de Agosto de 1921, foi solicitado auxílio aos funcionários da Administração Americana de Ajuda nesta região. Na Ucrânia, os

representantes desta organização só foram autorizados a entrar em 1922, quando o bloqueio de informações sobre a fome na Ucrânia foi levantado.

A fome revelou-se mais eficaz contra os ucranianos do que as próprias acções punitivas. O governo bolchevique utilizou-a para reprimir a resistência, já que os ucranianos famintos não tinham mais possibilidade de ajudar os participantes no movimento de guerrilha pela libertação nacional.



- ↑ Os réus no processo da União de Libertação da Ucrânia. 1930. Arquivo Central do Estado de Audiovisual e Eletrónico.
- ← Caricatura dos réus no processo da União de Libertação da Ucrânia. Revista Pimenta Vermelha, 1930, n.º 4.

A CONTROVERSA «UCRANIZAÇÃO»

As acções brutais dos comunistas causaram descontentamento na população. Para ganhar a sua confiança, em 1923, os bolcheviques iniciaram uma política de «ucranização». Um dos objectivos adicionais era fortalecer a base nacional do comunismo, visto que, em 1922, os ucranianos representavam apenas 23,3% do conjunto dos membros do Partido Comunista da Ucrânia e, no topo da hierarquia, menos de 16%.

A «ucranização» previa a ampliação do uso da língua ucraniana no espaço público. Muitos artistas ucranianos que viveram neste período tinham como objectivo criar uma cultura de âmbito mundial, integrando os patrimónios europeus e a autenticidade nacional. Reconhecidos internacionalmente foram Aleksandr Arkhipenko, Kazimir Malevich, Aleksandra Ekster (Grigorovich), Dziga Vertov, entre outros.

O intenso desenvolvimento da cultura ucraniana, sobretudo suas manifestações de massa (literatura popular,

imprensa, teatro, cinema), tornou-se para os bolcheviques um resultado inesperado da ucranização. Iosif Stalin percebeu que a situação se tornara perigosa, uma vez que poderiam criar expectativas independentistas nos ucranianos.

Por isso, o Kremlin recorreu a repressões preventivas. Em 1930, realizou-se um julgamento público em Kharkiv contra membros da inventada União de Libertação da Ucrânia, acusados de pretender separar a Ucrânia da URSS e torná-la independente. Este processo visava dissuadir os ucranianos que alimentavam esperanças na restauração do seu Estado.

Durante a década de 1930, quase 30 mil figuras da educação, ciência e cultura ucraniana foram deportadas para campos de concentração no norte da Rússia. Assim, destruía-se o potencial intelectual da Ucrânia.



➤ **Metropolita Vasily (Lypkivsky).**
*Arquivo Central do Estado
 de Associações Cívicas e Cultura
 Ucraniana.*

A DESTRUIÇÃO DA IGREJA ORTODOXA UCRANIANA

A expansão da ideologia comunista estava inexoravelmente ligada à propaganda ateísta agressiva. Desejando eliminar a religião de todas as esferas da vida, os bolcheviques perseguiam os representantes do culto. Os clérigos e monges tornaram-se vítimas do terror vermelho de 1918–1919, quando pelo menos 1500 membros do clero foram mortos à mão dos bolcheviques. Nesse mesmo período, a maioria dos jornais religiosos e instituições de ensino espiritual foram fechados, muitos mosteiros foram destruídos e as atividades de confrarias religiosas proibidas. Até 1931, os comunistas encerraram 80% das igrejas rurais na Ucrânia. Nas áreas rurais, os templos foram frequentemente transformados em armazéns, enquanto nas cidades eram muitas vezes destruídos. Durante as décadas de 1920 e 1930, apenas em Kyiv foram destruídos 49 santuários cristãos, incluindo a catedral de São Miguel de Ouro e a Igreja de Três Santos Iníquos — monumentos arquitetônicos do século XII.

Uma componente desse processo foi também a destruição da Igreja Ortodoxa Autocéfala Ucraniana (UAPC), liderada pelo Metropolita Vasily (Lypkivsky). As actividades dessa igreja estavam ligadas à formação do Estado na Ucrânia entre 1917 e 1921. Em condições de ocupação bolchevique, a igreja ucraniana tornou-se um centro da vida nacional, um factor que poderia contribuir para a formação da consciência nacional dos ucranianos. Contudo, tudo isso foi abruptamente interrompido pela repressão contra o clero e igrejas destruídas e fechadas. Utilizando a sua rede de infiltrados, os comunistas provocaram a divisão na Igreja Ortodoxa Autocéfala Ucraniana (UAPC): em Janeiro de 1930, uma parte do hierarquia da igreja anunciou a sua «auto-dissolução». A 27 de Novembro de 1937, o Metropolita Vasily (Lypkivsky) foi executado na prisão de Lukyanivka, em Kyiv. Ainda hoje, o local do seu sepultamento permanece desconhecido.



➤ **Episcopado da Igreja Ortodoxa Autocéfala Ucraniana (UAPC).**
 1921–1926.
*Arquivo Central do Estado
 de Associações Cívicas e Cultura
 Ucraniana.*



Uma família ucraniana é retirada de sua própria casa, na aldeia Udachne, região de Donetsk, década de 1930.

Fotografia de Marko Zalizniak.

Arquivo Audiovisual e Eletrônico do Estado Central.



← Durante a kulakização, uma mulher camponesa teve a sua despensa confiscada, Donbas. 1930. Fotografia de Marko Zalizniak. Arquivo Audiovisual e Eletrônico do Estado Central.

A KULAKIZAÇÃO

Um elemento importante da política interna do regime comunista foi a transformação do camponês livre, agricultor de trigo, num peão do sistema estatal. O poder dividiu artificialmente os camponeses em «pobres», «medianamente pobres» e kulaks (camponeses mais ricos que geriam explorações individuais) e alinhou os dois primeiros contra os últimos.

Em Dezembro de 1929, o Governo soviético declarou a intenção de «eliminar os kulaks como classe». Os kulaks foram declarados responsáveis por todos os problemas no caminho da construção de uma «vida feliz», que supostamente o regime liderado por Stalin tentava implementar. Como punição aos chamados kulaks, que às vezes recebiam essa alcunha apenas por questões políticas ou antipatia pelos activistas locais, eram deportados para além das fronteiras da localidade, para terras inférteis ou para o Norte da URSS. Os seus bens eram

confiscados e entregues aos kolkhozes (cooperativas), sovkhozes (quintas de Estado) ou à população pobre rural.

A kulakização atingiu as proporções de uma operação verdadeiramente paramilitar, na qual desempenhou um papel central o serviço secreto — a OGPU (Administração Política Unificada do Estado) [designação do KGB à época].

Apenas de 18 de Fevereiro a 10 de Março de 1930, 19 531 famílias, totalizando 92 970 pessoas, foram deportadas para regiões remotas da URSS. No total, durante 1930–1931, o Governo destruiu 63 720 explorações agrícolas, cujos proprietários e famílias foram expulsos da Ucrânia. Muitos deles morreram ainda na viagem ou nos primeiros anos de vida nos novos locais, devido a condições desumanas.

O PROCESSO DESTRUTIVO DE PRIVAR OS UCRANIANOS DA SUA AUTONOMIA ECONÓMICA FOI CONCLUÍDO PELA COLETIVIZAÇÃO

 Carregamento de trigo do kolkhoz 10.º
Aniversário do Comité dos Camponeses
Pobres, cidade de Odesa. 1930.
*Arquivo Audiovisual e Electrónico
do Estado Central.*



A COLECTIVIZAÇÃO

O processo destrutivo de privar os ucranianos da sua autonomia económica foi concluído pela coletivização — a socialização da terra, do gado e das alfaías agrícolas. Inicialmente, este processo foi voluntário, mas no final de 1929 começou a chamada «coletivização total», tornando-se obrigatória a entrada nos kolkhozes.

Embora teoricamente os kolkhozes pertencessem aos próprios camponeses associados em cooperativa, estes eram obrigados a fornecer ao Estado uma determinada quantidade de produtos agrícolas. Só após o cumprimento destas normas, a administração do kolkhoz poderia distribuir as sobras da colheita pelos seus membros. Assim, o Estado obtinha um meio permanente de fornecimento de cereais baratos e, ao mesmo tempo, transformou os camponeses em trabalhadores sem direitos, completamente sob o controlo do regime.

Vale a pena apontar que, até ao final dos anos 1920, na Ucrânia existia um sistema desenvolvido de cooperativismo — agrupamentos voluntários criados para simplificar a produção e a comercialização de produtos agrícolas. Nas cooperativas rurais, mantinha-se a propriedade privada sobre a terra e os meios de produção, pelo que estas associações eram aceites pelos ucranianos, ao contrário dos kolkhozes, impostos pelo regime soviético, onde toda a propriedade era comum.



↻ Confisco de alfaías agrícolas em benefício do kolkhoz, distrito de Berezansky, distrito de Kyiv. 1928.

Arquivo Audiovisual e Electrónico do Estado Central.

↶ Assembleia Geral no kolkhoz Grande Viragem, aldeia de Krugloe, distrito de Svatove, região de Luhansk. Dezembro de 1931.

Arquivo Audiovisual e Electrónico do Estado Central.



← Camponeses presos, povoado de Makartetine, região de Luhansk. 1930. Arquivo Estadual do Serviço de Segurança da Ucrânia.

A RESISTÊNCIA POLÍTICA À UNIÃO SOVIÉTICA

A reacção à coletivização forçada e à expropriação em massa foi marcada por protestos em massa dos camponeses ucranianos. Segundo dados oficiais, durante 1930, ocorreram na Ucrânia 4098 manifestações de camponeses — nesse ano, quase metade dos protestos antigo-verno em toda a URSS.

A resistência baseava-se num sentimento de injustiça, uma vez que o Governo roubava abertamente as pessoas, expulsava-as de suas casas e destruía igrejas. Os camponeses, descontentes, matavam activistas que participavam na colectivização e expropriação, eliminavam a administração rural, libertavam presos.

Além da luta armada, os participantes do movimento anti-soviético espalhavam panfletos com apelos a resistir ao regime e a lutar por justiça.

A amplitude e a geografia da resistência dos ucranianos tornaram-se uma ameaça ao regime. O chefe do Direção Política Estatal da República Socialista Soviética da Ucrânia, V. Balytsky, liderou pessoalmente a repressão das revoltas e relatava constantemente a Stalin a situação na Ucrânia.



➤ Fotografia de armas apreendidas pela GPU da Ucrânia, pertencentes à organização antifascista Cossacos Livres, guardadas na casa de Motlokh Ivan. 1932.

Arquivo Estatal do Serviço de Segurança da Ucrânia.



Busca de trigo no quintal de um camponês numa das aldeias do distrito de Hryshinsky, região de Donetsk. Início dos anos 1930.

Foto de Mark Zaliznyak.

Arquivo Audiovisual e Electrónico do Arquivo Estadual Central.



← Iosif Stalin. 29 de Abril de 1932.
James Abbe / Associated Press.

A ORGANIZAÇÃO DO HOLODOMOR

Compreendendo o potencial perigo da resistência popular, o regime comunista recorreu a acções radicais.

Durante 1932–1933, quase todo o trigo cultivado pelos camponeses ucranianos foi confiscado. Em algumas regiões da Ucrânia, os camponeses tiveram 80% da sua colheita de cereal apreendida. Os planos de colecta de cereais estabelecidos para a Ucrânia eram economicamente inviáveis. Como penalidade pelo incumprimento, os cidadãos ucranianos viam confiscados a carne, as batatas e os legumes. Os representantes do governo realizavam buscas nos quintais, levando toda a comida dos camponeses, incluindo a que já tinha sido cozinhada. Mesmo as ferramentas para moer os grãos — mós e moinhos — eram confiscadas. As buscas eram frequentemente acompanhadas de violência física.

As pessoas, famintas, procuravam espigas ou outros alimentos que permaneciam nos campos após a colheita.

No entanto, a 7 de Agosto de 1932, foi promulgada uma famosa resolução do governo, conhecida como a «Lei das 5 espigas», segundo a qual a propriedade coletiva dos kolkhozes foi equiparada à propriedade estatal. Como consequência, mesmo apanhar algumas espigas no campo do kolkhoz era considerado «furto de propriedade estatal», punível com execução ou prisão por 10 anos, além de confisco de bens.

O principal ideólogo e organizador do Holodomor foi Stalin. A implementação prática dos planos genocidas esteve a cargo do chefe do governo da União Soviética (URSS), Viacheslav Molotov, do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista (bolchevique) da URSS, Lazar Kaganovich, e dos líderes do aparelho partidário e estatal da República Socialista Soviética da Ucrânia (RSSU), Pavlo Postyshev, Stanislau Kosior, Vlas Chubar, Mendel Khataievich.



↗ Um grupo de camponeses ucranianos vai para a cidade em busca de salvação, região de Kharkiv. 1933. Foto de Alexander Wienerberger. Arquivo Privado de Samara Piers.

A SOBREVIVÊNCIA

A grande maioria dos ucranianos, famintos, recorria a formas passivas de resistência à fome. O principal objectivo das pessoas era evitar o confisco de alimentos, que poderiam salvar vidas, ou obter alimentos adicionais. Nos casos em que já não sobrava nenhum produto, os famintos eram obrigados a comer até aquilo que, na vida normal, era considerado não comestível.

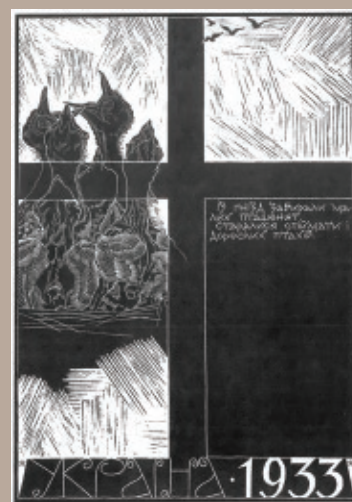
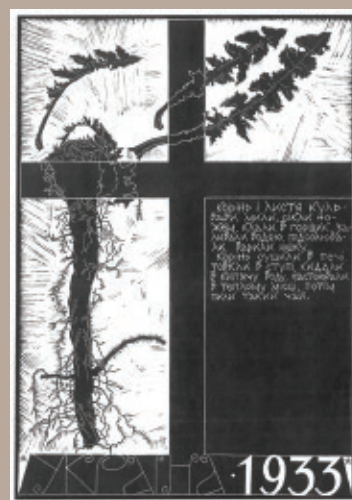
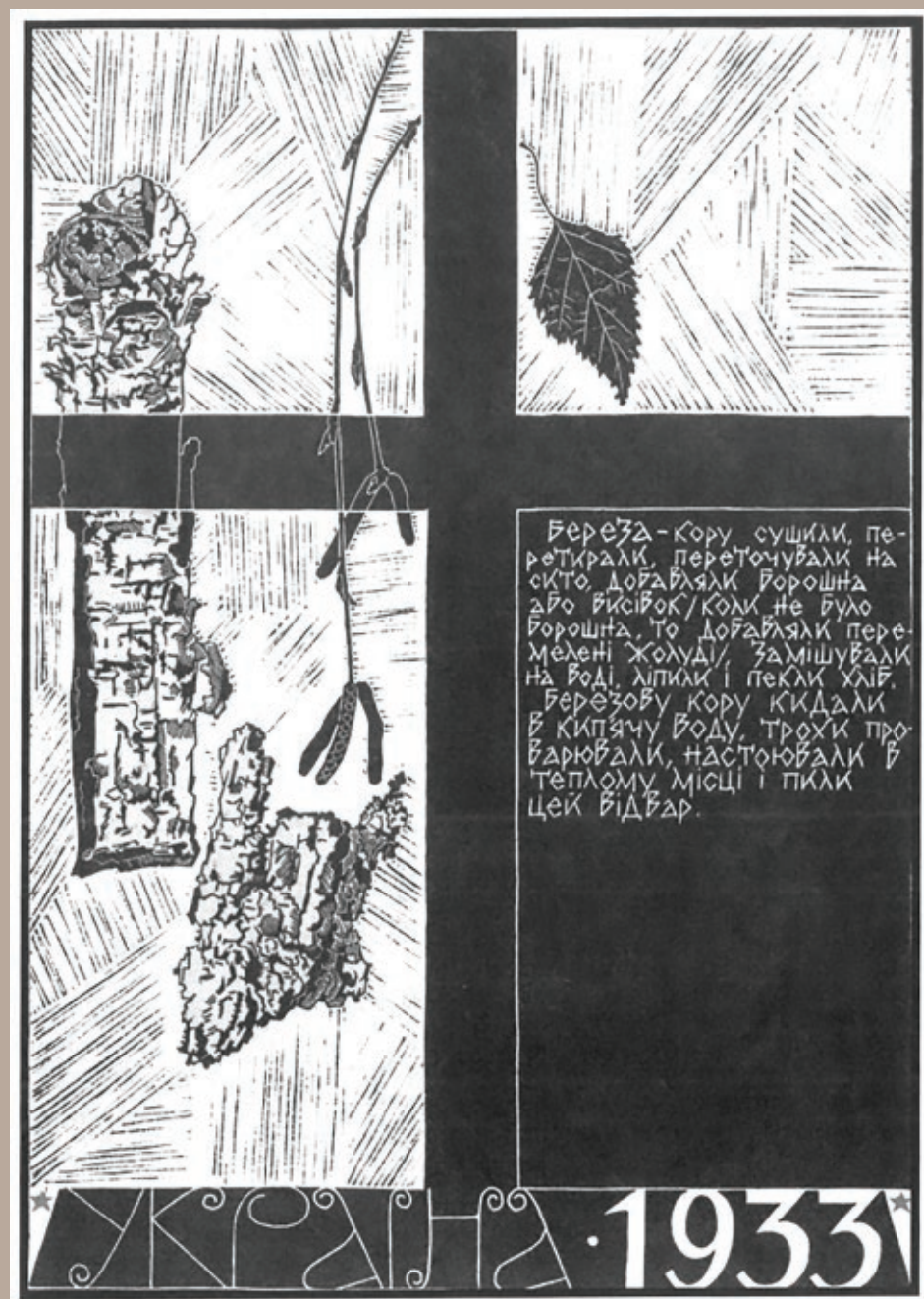
Durante o Holodomor, as pessoas desesperadas comiam palha seca, ervas daninhas, ervas jovens, botões de árvores, bolotas, folhas e casca de árvores, torta de sementes, beterraba açucareira, flores de acácia, etc. Os ucranianos tiveram de consumir alimentos que sempre tinham proibido, como cães, gatos, ratos, marmotas, ouriços, aves selvagens ou até insectos.

Existem testemunhos de que as autoridades soviéticas tomaram medidas para impedir até mesmo que os famintos ucranianos consumissem tais alimentos substitutos. Por exemplo, testemunhos do Holodomor recordam que os membros das brigadas de reboque matavam intencionalmente cães e gatos nos aldeias famintas e levavam as suas carcaças.



↖ Quatro peixes pequenos e secos — o único produto desta mulher, cidade de Kharkiv. 1933. Foto de Alexander Wienerberger. Arquivo Privado de Samara Piers.

↵ Mãe com crianças famintas, cidade de Kharkiv. 1933. Foto de Alexander Wienerberger. Arquivo Privado de Samara Piers.



EXISTEM TESTEMUNHOS DE QUE
AS AUTORIDADES SOVIÉTICAS
TOMARAM MEDIDAS PARA IMPEDIR
ATÉ MESMO QUE OS FAMINTOS
UCRANIANOS CONSUMISSEM TAIS
ALIMENTOS SUBSTITUTOS

Gravura de Mykola Bondarenko.
Livro-álbum Ucrânia-33: Livro
de Culinária. Memória humana.



↶ Interior de uma loja Torgsin na cidade de Putiév. 1933–1934. *Reserva Histórica e Cultural do Estado em Putiév.*



➔ Fila à espera de pão numa loja da rede Torgsin, cidade de Khárkiv, 1933. Fotografia de Alexander Wienerberger. *Arquivo Privado de Samara Piers.*

«TORGSIN»

Camponeses famintos com mais resistência dirigiam-se às cidades, onde tentavam comprar alimentos ou trocar bens de uso quotidiano por comida. Eram então perseguidos pela polícia. Com sorte, poderiam conseguir obter alimentos nos mercados urbanos ou nas lojas da rede Torgsin (do russo comércio com estrangeiros). Nessas lojas, em troca de ouro e prata (mais frequentemente alianças e crucifixos de uso pessoal), era possível

comprar alguma comida, embora, obviamente, a preços exorbitantes.

Cerca de metade do que era considerado refugio na rede Torgsin consistia em objetos de estimação. A rede criada pelo Kremlin tornou-se uma ferramenta de pilhagem dos ucranianos, ao retirar-lhes joias durante o período de fome total.

➔ Ordem de mercadoria Torgsin no valor de 1 copyica (um centimo do rublo) para ter direito a receber produto na loja da rede. *Museu Nacional da Holodomor-Genocídio.*



AS «LISTAS NEGRAS»

As aldeias que não cumpriam os planos de colheitas ou resistiam à política comunista da União Soviética eram inscritas nas chamadas «listas negras». Isso significava a imposição de um regime punitivo especial, segundo o qual essas aldeias ou até regiões inteiras eram cercadas por tropas ou grupos especiais, e todos os alimentos dos seus habitantes eram totalmente confiscados. Nas aldeias registadas nas «listas negras» era proibida a venda, eram retirados todos os bens das lojas e os líderes das juntas populares, kolkhoz ou células do partido podiam ser alvo de repressão. Aos habitantes dessas localidades era proibido abandonar a zona bloqueada.

O regime de «listas negras» só era imposto em territórios habitados por ucranianos — na RSS da Ucrânia e na zona do Cáucaso do Norte. Noutras regiões da URSS, tal medida repressiva não existia, o que revela claramente o carácter anti-ucraniano do Holodomor.

O autor da ideia das «listas negras» foi L. Kaganovich. Durante o Holodomor, 735 distritos, aldeias, quintas e cooperativas foram registados na lista das «listas negras» na Ucrânia.



ШАПОВАЛІВКУ та ВИСОКЕ ЗА опортуністичну благодущність у підготовці до 3-ої більшовицької СІВБИ та мобілізації коштів— НА ЧОРНУ ДОШКУ									
ШАПОВАЛІВКА				ВИСОКЕ					
Насіньфонд	на 20-22	на 31-31	темн	Насіньфонд	на 20-22	на 31-31	темн	Страхфонд	на 20-22
30,1%	30,9%	0,8%		26,9%	26,9%	0%		2%	2,8%
Страхфонд	7,9%	8,4%	0,5%					0,8%	
Гроші	31,7%	37,9%	6,2%	Гроші	23,5%	35%	11,5%		

- «Listas negras» e «vermelhas» no que respeita à entrega dos produtos alimentares nas quantidades estipuladas pelo Estado. 1932. *gazeta.ua*
- Informação sobre a inclusão na «lista negra» das aldeias Shapovalivka e Vysoke, distrito de Borznyansky (Chernihiv). O jornal Kolhospnik Borzenshchiny, edição de 5 de Abril de 1932 (o original encontra-se na Biblioteca Nacional da Ucrânia, em homenagem a V. I. Vernadsky).



«Título do artigo ‘Da nossa tragédia além do Zbruch’», publicado no jornal de Lviv Dilo, em 21 de Maio de 1933.

Camponeses em Kharkiv aguardam o comboio. 1932. Foto tirada secretamente pelo fotógrafo americano James Abbe. Arquivo de James Abbe.

A PROIBIÇÃO DE SAÍDA

Ao criar a situação em que os ucranianos começaram a morrer de fome em massa, o Governo soviético tomou medidas para que eles não pudessem sair para outras regiões da URSS, onde não havia fome. Em particular, a 27 de Dezembro de 1932, foi aprovada a resolução do Comité Central de Eleições e do Conselho do Comissariado do Povo do URSS Sobre a instalação de um sistema de passaportes único em todo o USSR e a obrigatoriedade de registo de passaportes. De acordo com as novas regras, a pessoa só podia residir numa determinada região e trabalhar exatamente ali. Aos camponeses não eram fornecidos passaportes, portanto, na prática, foram privados do direito de se deslocar livremente pelo país.

Nas fronteiras administrativas da República Socialista Soviética da Ucrânia, os comunistas implementaram unidades armadas de bloqueio que não permitiam a

passagem de pessoas além das fronteiras da Ucrânia. Além disso, aos camponeses ucranianos, que não tinham passaportes, não lhes vendiam bilhetes de comboio ou transporte fluvial, e grupos especiais de patrulha móvel vigiavam as áreas à procura de fugitivos da Ucrânia. Para os detidos, criaram campos de triagem. Tal como o regime das «listas negras», a proibição de saída vigorava apenas nas regiões ucranianas.

De forma ainda mais severa, o regime tratava daqueles que tentavam escapar da URSS, para a Polónia ou Roménia. A imprensa ucraniana daquela época nesses países estava repleta de relatos sobre execuções de ucranianos que tentavam atravessar os rios Dnister e Zbruch.



← Estudantes do segundo ano e o professor da aldeia Postatmuky (Postat-Muka) em Poltava. 25 de Janeiro de 1933. No verso da foto está escrito: (...) «em memória da nossa turma do 2.º ano... dos estudantes que estavam aqui e que morreram». Fotografia do arquivo familiar de Ivanenko Viktor Ivanovich, Uzhgorod, filho de Ivan Josipovich Ivanenko (nascido em 1924), que contou que apenas metade dos alunos na foto sobreviveu ao genocídio. *Museu Nacional do Holodomor-Genocídio.*

AS CONSEQUÊNCIAS DO HOLODOMOR

A mortalidade por fome na Ucrânia entre 1932 e 1933 foi tão massiva que, em muitos locais, nem sequer se contabilizaram as vítimas. Posteriormente, o regime comunista procurou esconder o número de ucranianos exterminados, falsificando os dados demográficos e escondendo os documentos de arquivo. Sabe-se que cerca de 4 milhões de ucranianos morreram de fome. Contudo, este não é o número final. Hoje, historiadores e demógrafos continuam a investigar esta questão. No entanto, é importante enfatizar que a dimensão das perdas demográficas não é determinante na definição do crime de genocídio. O nosso dever é elaborar listas

nominais das vítimas do Holodomor com a maior precisão possível. Manipulações acerca do número de vítimas do Holodomor são inaceitáveis.

Como consequência do crime de genocídio, foi destruído o modo de vida ucraniano. A cultura tradicional e os costumes populares sofreram deformações. O Holodomor alterou completamente a ordem habitual da gestão no campo. Por décadas, os camponeses ucranianos foram reduzidos à condição de coletivizados sem direitos, despojados de passaportes e pensões. O Holodomor levou ao surgimento de gerações inteiras

SABE-SE QUE CERCA
DE 4 MILHÕES DE UCRANIANOS
MORRERAM DE FOME



Placa com a inscrição «Proibido enterrar pessoas aqui». 1933.

Fotografia de Alexander Wienerberger.

Arquivo privado de Samara Piers.



➤ Casas devastadas pelos camponeses mortos de fome, distrito do Kharkiv. 1933.

Fotografia de Alexander Wienerberger.

Arquivo Privado de Samara Piers.



➤ Local de sepultamento em massa das vítimas do Holodomor, distrito do Kharkiv. 1933.

Fotografia de Alexander Wienerberger.

Arquivo privado de Samara Piers.

que não questionavam o regime comunista sobre para onde tinham desaparecido milhões de seus compatriotas. Aqueles que, devido ao Holodomor, ficaram órfãos, nem sequer conheciam o seu nome e linhagem.

Um elemento substancial na política dos comunistas na Ucrânia foi a afirmação do prestígio da cultura russa, promovida como superior à ucraniana. A língua russa foi declarada como o idioma de comunicação inter-étnica entre as nações da União Soviética. Em contrapartida, a língua ucraniana na Ucrânia foi relegada ao estatuto de

«provincial», «rural». No final de 1933, logo após o Holodomor, os comunistas implementaram uma nova ortografia da língua ucraniana, que artificialmente a aproximava do russo. Nos anos seguintes, os dicionários foram progressivamente excluindo as palavras ucranianas que não se assemelharam às russas, substituindo-as por palavras inventadas. Esta política intensificou a russificação dos ucranianos no seu próprio país.



↑ Rafael Lemkin.
istpravda.com.ua

PORQUE É O HOLODOMOR UM GENOCÍDIO?

O advogado polaco, judeu e americano, Rafal Lemkin classificou os crimes do regime comunista contra os ucranianos como exemplos clássicos de genocídio soviético. Foi justamente este cientista, em 1944, que popularizou a palavra genocídio, e posteriormente participou na adoção da Convenção da ONU para a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio. Nos materiais ainda não publicados por Rafal Lemkin, intitulado Histórias de Genocídios, encontra-se um ensaio intitulado «Genocídio Soviético na Ucrânia», no qual o jurista explica pormenorizadamente o caráter genocida das acções do regime de Stalin contra os ucranianos. O jurista destacou quatro componentes do plano de destruição da nação ucraniana: a eliminação da intelligentsia («cérebro» da nação), a destruição da Igreja («alma» da nação), a fome provocada nos camponeses ucranianos (principais portadores do espírito e das tradições nacionais) e a mudança forçada da composição étnica das terras ucranianas.

Rafal Lemkin enfatiza que o povo ucraniano era grande demais para ser completamente destruído. Assim, o regime bolchevista tentou principalmente superar a independência económica dos ucranianos e erradicar o sentimento de consciência nacional entre eles. O genocídio orquestrado pelos comunistas visava diretamente eliminar o povo ucraniano como unidade, a fim de remover a potencial possibilidade da Ucrânia sair da União Soviética.

O Holodomor, planeado no Kremlin, criou condições de vida para os ucranianos que visavam a sua destruição total ou parcial, o que corresponde completamente à definição de genocídio de acordo com a Convenção da ONU para a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio.



↗ Uma criança caminha ao lado do cadáver de uma vítima do Holodomor. Kharkiv. 1933. Fotografia de Alexander Wienerberger. Arquivo particular de Samara Pearce.

← Vítima do Holodomor, Kharkiv. 1933. Fotografia de Alexander Wienerberger. Arquivo particular de Samara Pearce.



➔ A terceira página do passaporte de Gareth Jones, com o qual viajou para a URSS em 1933. Arquivo Gareth Vaughan Jones (Biblioteca Nacional do País de Gales).

➔ Câmara Leica II, pertencente a Alexander Wienerberger. 23 de Novembro de 2022. Foto de Olga Kovalova. Museu Nacional da Fome e Genocídio.

↶ O Metropolitan Andrei durante uma visita pastoral aos fiéis da IGCU na América. Década de 1920. Arquivo Histórico Central da Ucrânia, cidade de Lviv.



A REAÇÃO DO MUNDO AO HOLODOMOR

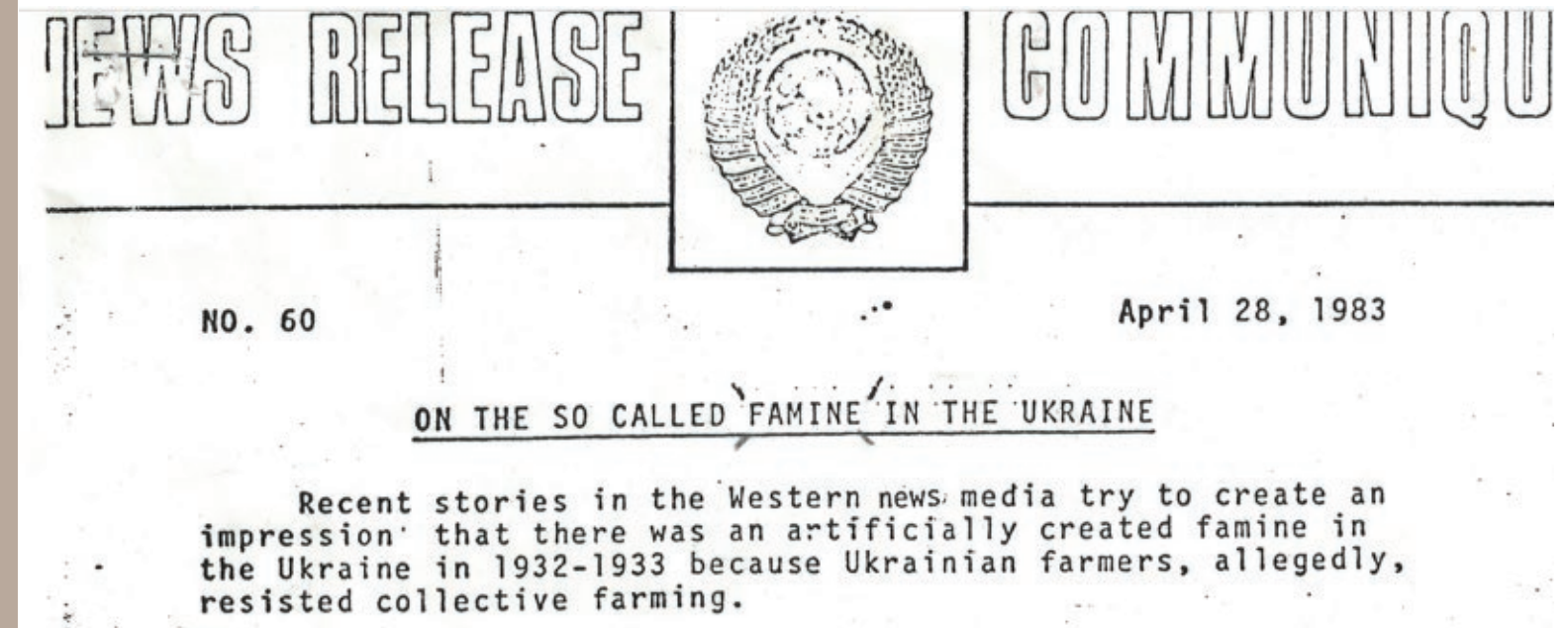
Embora a União Soviética negasse oficialmente a existência da fome, a verdade espalhou-se pelo mundo graças a jornalistas estrangeiros que conseguiam entrar nas aldeias famintas da Ucrânia e relatar o que viam. O mais conhecido deles foi Gareth Jones, jornalista do Manchester Guardian, que não apenas publicou vários artigos sobre a situação na Ucrânia como também realizou uma conferência de imprensa, na qual falou sobre a fome.

Além disso, através dos seus diplomatas em Moscovo, os governos de países como Itália, Alemanha e Polónia tinham conhecimento do assassinato em massa de ucranianos.

Ucranianos que viviam nos países ocidentais recorreram à Ajuda Internacional de Socorro (Cruz Vermelha), à Liga das Nações e a outras organizações internacionais. A Igreja Greco-Católica Ucraniana, liderada pelo Metropolita Andrey Sheptycki, fez um apelo a cristãos de todo o mundo para ajudarem a Ucrânia.

Infelizmente, todos esses esforços foram em vão. A comunidade internacional não interveio na situação. Além disso, Moscovo empregou esforços consideráveis para negar a existência da fome e desacreditar aqueles que a denunciavam.

MOSCOVO EMPREGOU ESFORÇOS
CONSIDERÁVEIS PARA
NEGAR A EXISTÊNCIA DA FOME
E DESACREDITAR AQUELES QUE
A DENUNCIAVAM



➤ Fragmento de um comunicado de imprensa divulgado pela Embaixada da URSS no Canadá com teses de que não houve fome em 1932–1933 na Ucrânia. Arquivo do Centro de Pesquisa e Documentação Ucrânia-Canadá (Toronto).

A NEGAÇÃO DO HOLODOMOR

Para demonstrar que não houve fome na URSS, Moscovo organizava visitas oficiais de políticos e figuras culturais estrangeiras, que deveriam convencer o mundo de que os ucranianos não estavam a passar fome. Entre essas figuras estavam Bernard Shaw, Édouard Herriot, Herbert Wells e Romain Rolland.

Aos jornalistas estrangeiros que aceitavam fechar os olhos às manipulações da propaganda soviética era atribuída uma função específica. E era proibido aos jornalistas estrangeiros viajar pelo país de forma autónoma. As viagens permitidas tinham rotas claramente determinadas. O jornalista estrangeiro mais conhecido que conscientemente negou o Holodomor foi Walter Duranty (correspondente do New York Times em Moscovo). Nos seus artigos, justificava a política dos comunistas e desmentia a mortalidade massiva causada pela fome mas, em conversas privadas, admitia que, ao longo de apenas um ano, milhões de ucranianos tinham morrido.

Nos anos 1980, enquanto as comunidades ucranianas nos EUA e no Canadá conseguiam com sucesso atrair a atenção do mundo para a história do Holodomor, o Comité de Segurança do Estado da URSS lançava a operação «Flagelo». O objectivo desta operação

ra desacreditar os líderes da diáspora ucraniana na América do Norte que falavam a verdade sobre o crime de Stalin. Os diplomatas soviéticos convenciam políticos dos EUA e do Canadá de que participar em eventos em homenagem às vítimas do Holodomor prejudicaria a sua carreira política. No entanto, a campanha de propaganda do Kremlin fracassou, e o colapso da URSS deu um novo impulso à investigação e divulgação da informação sobre o Holodomor.

Depois da URSS desaparecer do mapa, o papel de negacionista do Holodomor passou a pertencer à Rússia. Sem conseguir refutar a existência da fome de 1932–1933 — facto que se tornou amplamente conhecido —, o Kremlin tentou negar a sua intencionalidade e a sua orientação anti-ucraniana. Utilizando as ferramentas mais modernas de difusão de informação, cientistas russos, diplomatas, jornalistas e bloggers tentam convencer o mundo de que o Holodomor não foi um acto de genocídio.



↶ Édouard Herriot visita Kyiv.
27 de Agosto de 1933.
Website de Serhii Bilokin:
www.sbilokin.name

↶ Walter Duranty. 1936.
John Runi / Associated Press.

AS NARRATIVAS NEGACIONISTAS DO HOLODOMOR

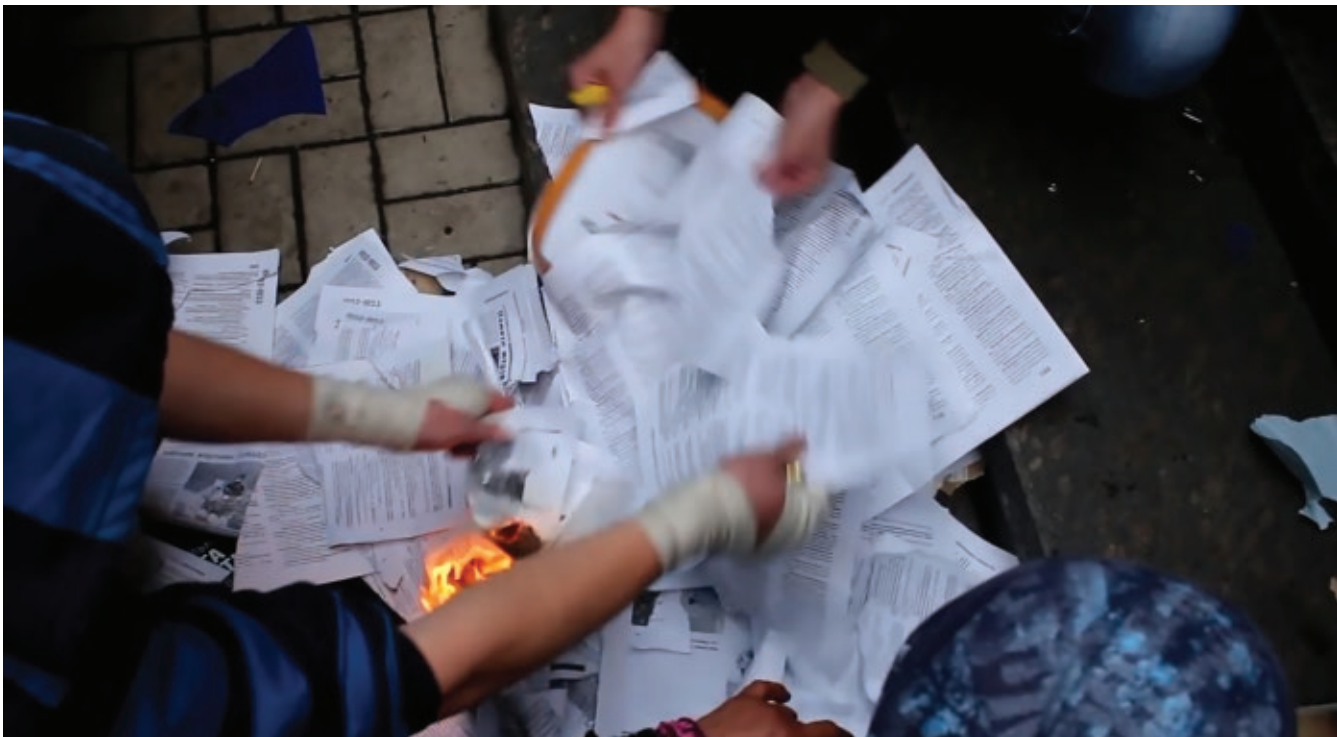
Apesar dos factos incontroversos estabelecidos por historiadores e juristas, as negações do Holodomor continuam até hoje.

NEGAÇÃO: A fome no início dos anos 1930 também aconteceu noutras regiões da URSS, além da Ucrânia, pelo que o Holodomor não pode ser considerado genocídio dos ucranianos.

FACTO: Embora a legislação repressiva tivesse efeito em toda a território da URSS, as dimensões e a violência da sua aplicação foram mais intensas na Ucrânia e na Crimeia (região do Norte do Cáucaso, mais de 60% habitada por ucranianos). Além disso, apenas os ucranianos foram bloqueados no território onde havia fome. Foi precisamente na Ucrânia e na Crimeia onde a mortalidade por fome de 1932–1933 foi mais alta. Se a fome fosse igual em toda a URSS, as autoridades não precisariam de impedir os ucranianos de deixar a Ucrânia. Reconhecer o Holodomor como genocídio dos ucranianos não nega de forma alguma a natureza criminosa das acções de Stalin contra outros povos da URSS.



📌 Livros dos arquivos das bibliotecas da Universidade de Estado de Zaporizhzhia, preparados pelos ocupantes para destruição. Mariupol. Fevereiro de 2023. *Assembleia Municipal de Mariupol.*



Frame de um vídeo do incêndio do Livro Nacional da Memória das Vítimas do Holodomor. Região de Donetsk em Donetsk. 3 de Maio de 2014.

Meios de comunicação pró-russos.

NEGAÇÃO: O Holodomor foi dirigido contra os habitantes rurais e, portanto, contra um grupo social, e não contra todos os ucranianos como comunidade nacional. Um grupo social não se enquadra na proteção da Convenção das Nações Unidas para a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio de 1948.

FACTO: Na década de 1930, a Ucrânia era um país agrícola. Cerca de 80% da sua população era composta por ucranianos. Como a maioria dos ucranianos vivia no campo, a percentagem de ucranianos na população rural era ainda maior. Assim sendo, foram precisamente os camponeses ucranianos que constituíram a parte mais significativa da nação ucraniana enquanto tal. Deve ainda salientar-se que, paralelamente ao Holodomor, através de outras formas de repressão, o regime comunista eliminou deliberadamente a intelectualidade ucraniana.

NEGAÇÃO: O regime comunista causou involuntariamente o Holodomor de 1932–1933, tentando preparar-se rapidamente para uma guerra devido à ameaça de invasão por parte de estados fascistas.

FACTO: Entre 1932 e 1933, a URSS não tinha fronteiras comuns com a Alemanha e mantinha relações de boa vizinhança com a fascista Itália. Na URSS, funcionavam escolas militares secretas alemãs e o governo soviético fazia encomendas militares às empresas italianas. Em Agosto de 1939, Moscovo e Berlim assinaram o Pacto Molotov-Ribbentrop, que consolidou a amizade entre dois regimes inimigos da humanidade.

O reconhecimento do Holodomor como acto de genocídio a nível internacional destaca sobretudo a solidariedade internacional com os ucranianos enquanto povo, cujos representantes se tornaram vítimas de um genocídio, ocultado e negado durante décadas. A sucessora da URSS — a Rússia de Putin — está ainda a cometer genocídio nos anos de 2022 a 2024. Uma das principais razões para o comportamento actual do Kremlin é a ausência de punição do regime stalinista pelos actos genocidas de há 90 anos.



◀ Discurso de James Mace na conferência «Holodomor na Ucrânia 1932–1933: Novos Resultados de Pesquisa», na Universidade de Toronto. 30 de Setembro de 1990. *Arquivo do Centro de Pesquisa e Documentação Ucrâniano-Canadiano.*

O RECONHECIMENTO DO HOLODOMOR COMO GENOCÍDIO

Desde o final da década de 1940, os ucranianos da diáspora têm feito esforços significativos para que os crimes do regime de Stalin sejam reconhecidos como genocídio. Entre 1985 e 1988, funcionou a Comissão do Congresso dos EUA para investigar a Grande Fome de 1932–1933 na Ucrânia (conhecida como Comissão de James Mace), que chegou à conclusão de que o regime comunista, consciente e deliberadamente, exterminou milhões de ucranianos pela fome. O trabalho da

Comissão teve grande repercussão nos EUA e influenciou em particular o processo de reconhecimento do Holodomor como um acto de genocídio. «Iosif Stalin e o seu círculo cometeram genocídio contra os ucranianos em 1932–1933» — afirma a sua conclusão.

Em 1991, a União Soviética desfez-se, a Ucrânia declarou a sua independência. A memória histórica do Holodomor de 1932–1933 começou a ser recuperada:

foram abertos arquivos, documentos secretos entretanto desclassificados e milhares de cidadãos ucranianos que sobreviveram ao Holodomor-genocídio testemunharam.

Neste etapa, tiveram um papel importante as iniciativas cívicas que contribuíram para a investigação da história do Holodomor, nomeadamente a Associação de Investigadores do Holodomor, a Sociedade Prosvita e a Sociedade Memorial. Destaca-se o trabalho incansável de Marian Kóts, Lídia Kovalenko, Volodymyr Manyak, Levko Lukyanenko e Mykola Rudenko. Desde o final dos anos 1980, graças à sociedade civil, as acções de homenagem às vítimas do Holodomor tornaram-se públicas, e foram colocados memoriais em honra das vítimas.

Durante o mandato do Presidente Viktor Yushchenko (2005–2010), o tema do Holodomor tornou-se um dos eixos da política de memória nacional. Naquele tempo, o Estado ucraniano apoiou de forma abrangente as investigações sobre a história do Holodomor, a publicação de materiais de arquivo, a inauguração de memoriais e a realização de eventos públicos que transmitiam às pessoas a verdade sobre o genocídio stalinista de 1932–1933 e homenageavam as suas vítimas.

Em 2009, foi criado o Museu do Holodomor, uma instituição dedicada ao estudo e à divulgação da história do genocídio dos ucranianos. Actualmente, organiza numerosos projetos educativos e expositivos, reúne artefactos relacionados com o Holodomor, grava testemunhos de pessoas que o viveram e publica estudos científicos. Em 2017, começou a construção da segunda fase do Museu, que ainda está em curso.

Em 2006, o Parlamento da Ucrânia reconheceu o Holodomor como um crime de genocídio. A Ucrânia apelou a outros países para que reconhecessem o Holodomor como genocídio. Para além do nosso país, no início de 2024, o Holodomor já tinha sido reconhecido como um acto de genocídio por 28 países em todo o mundo, incluindo Portugal. Noutros 4 países, uma das câmaras dos parlamentos nacionais fez o mesmo.

Entre 2009 e 2010, o Serviço de Segurança da Ucrânia conduziu uma investigação que levou o tribunal a concluir que os dirigentes do Partido Comunista da União Soviética, liderados por Iosif Stalin, cometeram genocídio contra parte da nação ucraniana, com o objetivo de impedir a criação de uma Ucrânia independente.

ÍNDICE

Aocupação soviética da Ucrânia	3
A fome de 1921–1923	5
Acontroversa «ucranização»	10
Adestruição da Igreja Ortodoxa Ucraniana	11
Akulakização	14
Acolectivização	17
Aresistência política à União Soviética	19
Aorganização do Holodomor	22
Asobrevivência	23
«Torgsin»	27
As «listas negras»	29
Aproibição de saída	32
As consequências do Holodomor	33
Porque é o Holodomor um genocídio?	37
A reação do mundo ao Holodomor	40
Anegação do Holodomor	43
As narrativas negacionistas do Holodomor	45
O reconhecimento do Holodomor como genocídio	49

CDU 94(477)“1932/1933” K 80	Recomendado para publicação pelo Conselho Científico-Metodológico do Museu Nacional do Holodomor-Genocídio (protocolo nº 2 de 22 de abril de 2024).
K 80	Andriy Kotsiiskyy, Mykhailo Kostiv. Holodomor: factos principais / Andriy Kotsiiskyy, Mykhailo Kostiv; Museu Nacional do Holodomor-Genocídio — Kharkiv: Empresário Individual Panov A. M., 2026 —52 p.: il. ISBN 978-617-8909-06-2
O que foi o Holodomor? Porque e como aconteceu? Quais foram as suas consequências? Qual foi a reação do mundo perante a morte de milhões de ucranianos devido à fome? Porque é considerado o Holodomor um genocídio? Respostas a estas perguntas podem ser encontradas nas páginas do livro que tem nas mãos. Nele, os investigadores do Museu do Holodomor explicam de forma breve e simples aquilo que é importante saber sobre os acontecimentos de 1932–1933.	
Na publicação, foram parcialmente utilizados materiais da exposição do Museu Nacional do Holodomor-Genocídio «Holodomor: genocídio soviético dos ucranianos». Na capa: fotografias tiradas em 1933 pelo engenheiro austríaco Alexander Winerberger, em Kharkiv, e uma foto da escultura «Amarga memória da infância» (ideia de Petru Drozdovski, escultura de Mykola Obetziuk), situada no espaço do Museu Nacional do Holodomor-Genocídio.	
ISBN 978-617-8909-06-2	CDU 94(477)“1932/1933” © Museu Nacional do Holodomor-Genocídio, 2026
<i>Edição científico popular</i> KOZYTSKYI Andrii Mykhailovych KOSTIV Mykhailo Bohdanovych Holodomor: factos principais <i>(Em português)</i> Design: Viktoria Odnosum. Tradução: Pavlo Sadokha e Heduíno Gomes Assinado para impressão 03.06.2026. Formato 210 x 210 mm. Papel couché 130 g/m². Impressão offset. Tipografia Helvetica. Páginas impressas: 4,25. Edição de 200 exemplares. N.º enc. №2-14/06/26 Editor e produtor Empresário Individual Panov A. M. Certificado da série DC № 4847 vom 06.02.2015 Kharkiv, Rua Zhon Myronosyts, 10, escritório 6 Tel. +38(057) 714-06-74, +38(050) 976-32-87 copy@vlavke.com	<i>Науково-популярне видання</i> КОЗИЦЬКИЙ Андрій Михайлович КОСТИВ Михайло Богданович Голодомор: основні факти <i>(Португальською мовою)</i> Дизайн: Вікторія Односум Переклад з української: Павло Садоха та Едуїно Гомес Підписано до друку 03.06.2026. Формат 210х210 мм Папір крейдований 130 г/м². Друк офсетний. Гарнітура Helvetica. Умов.-друк. арк. 4,25. Наклад 200 прим. Зам. №2-14/06/26 Видавець і виготовлювач ФОП Панов А. М. Свідоцтво серії ДК No 4847 від 06.02.2015 р. м. Харків, вул. Жон Мироносиць, 10 оф. 6 тел. +38(057)714-06-74, +38(050)976-32-87 copy@vlavke.com



Holodomor
Museum

Rua Ivana Mazepa, 15-A, Kyiv

holodomormuseum.org.ua

+38 (044) 254 45 12

A impressão desta brochura
foi realizada com o apoio do
Governo do Canadá



@HolodomorMuseum



@HolodomorMuseum



@holodomor.museum



The Holodomor Museum
/ Музей Голодомору



@HolodomorMuseum



@Holodomor_Museum

ISBN 978-617-8909-06-2



9 786178 909062